



WES



E LIZ

NA



ESTRADA

LYNN PAINTER



**WES
E LIZ
NA
ESTRADA**

**CAPÍTULOS EXTRAS DE
*MELHOR DO QUE NOS FILMES***

LYNN PAINTER

Tradução de Alessandra Esteche



Copyright do texto © 2022 by Lynn Painter

TÍTULO ORIGINAL

Wes & Liz's College Road Trip

ARTE DE CAPA

Editora Intrínseca sobre arte de Liz Casal (© 2021) e Heather Palisi (© 2021 by Simon & Schuster, Inc.)

GERAÇÃO DE E-BOOK

Victor Huguet | Intrínseca

E-ISBN

978-65-5560-675-1

Edição digital: 2023

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 [editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [@editoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@editoraintrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

S U M Á R I O

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Nebraska](#)

[Colorado](#)

[Utah](#)

[Nevada](#)

[Califórnia](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

N E B R A S K A

Can't get you out of my mind
'Cause you're still home, you're still home

— “Nebraska”, Oh Wonder

Liz

— Beleza.

Olhando para mim com uma expressão intensa, Wes levantou o dedo indicador. Ele estava fora do carro, próximo à porta do motorista, e eu estava do lado oposto, os dois em posição de largada.

— Em suas marcas, preparar, JÁ! — gritou ele.

Foi preguiçoso da minha parte, mas “I Just Wanna Run”, do The Downtown Fiction, começou a tocar em minha cabeça. Se eu tivesse mais tempo, com certeza teria pensado num hino incrível para o atletismo, mas, se não me concentrasse, Wes me deixaria para trás.

Corremos o mais rápido possível até os banheiros do posto de serviço rodoviário à beira da estrada. Fazia uns dez minutos que estávamos discutindo no carro sobre quem corria mais rápido — *eu*, lógico —, e quando vimos a saída para o posto, decidimos apostar corrida e usar o banheiro.

Unindo o útil ao agradável.

— Você parece sem fôlego, Buxbaum — gritou ele, sorrindo, atrevido.

Estávamos correndo lado a lado.

— Você parece irritante, Bennett — respondi.

Pedi desculpa ao passar por um homem baixinho com um cachorro de porte pequeno, que deu um salto e saiu do caminho.

Chegamos aos banheiros exatamente no mesmo instante, os dois batendo a mão no pôster enorme que ilustrava o mapa rodoviário, na parede entre o banheiro masculino e o feminino.

— Ganhei! — declarei.

Wes balançou a cabeça devagar e sorriu.

— Em que universo isso poderia ser considerado uma vitória? — indagou ele, encaixando os dedos nos passadores da minha calça jeans e me puxando para perto. — Foi, no máximo, um empate, mas nós dois sabemos que você queimou a largada, o que significa que é uma trapaceira.

Revirei os olhos e o abracei, apoiando as mãos na altura da barra de sua camiseta.

— Se precisa acreditar nisso para acalmar seu ego masculino frágil...

— Isso não tem nada a ver com machismo. É sobre garotas bonitas que queimam a largada.

— Me chamar de bonita não vai fazer você ganhar essa discussão.

— Assim como trapacear não fez você ganhar a corrida.

Ah, eu amava aquilo. Era minha coisa favorita. Podia conversar com Wes vinte e quatro horas por dia e nunca me cansar.

— Vou entrar ali — avisei, largando a camiseta dele e apontando para o banheiro feminino.

Eu ainda estava um pouco perdida no calor de seus olhos escuros. Às vezes, quando Wes olhava para mim, eu me sentia nua, de corpo e alma.

— E, quando eu sair, quero que você diga *Liz é a vencedora* — acrescentei.

Wes abriu um sorriso, afastando as mãos, e respondeu:

— Você devia é rezar pra eu não ir embora com o carro e deixar uma certa trapaceira para trás.

Soltei uma risada e entrei no banheiro.

Depois de usar a cabine e lavar as mãos, olhei para meu reflexo no secador de mãos. Já fazia muito tempo que meu batom tinha saído, e meu cabelo alisado tinha começado a ondular, caindo em ondas que certamente virariam cachos em breve. Fazia seis horas que estávamos na estrada — sim, *seis* —, mas continuávamos em Nebraska. Como era possível?

Estava me divertindo tanto viajando com Wes que nem me importei com o tempo. Não estava com pressa de chegar à Universidade da Califórnia porque andar por aí rindo com ele era mais divertido do que praticamente qualquer outra coisa no mundo.

Passei álcool em gel nas mãos antes de sair do banheiro.

Era uma tarde ensolarada, quente até, mas com um toque do outono que se aproximava. Estava agradável ao ar livre. Olhei na direção do banheiro masculino, mas pelo jeito eu tinha sido mais rápida que o Wes.

Ou ele tinha me abandonado nos arredores de Ogallala.

Caminhei em direção ao gramado onde ficava o estacionamento e... *ufa, o carro ainda estava lá*. Alonguei as costas, deixando que o ar fresco pairasse sobre mim. Longas viagens de carro sempre pareciam deixar o ar livre mais refrescante, e eu queria aproveitar a sensação por mais alguns minutos.

Até que escutei um barulho.

Não foi exatamente um miado, mas uma espécie de rosnado, misturado com um miado e com um chiado — tudo isso num grito felino. Eu sabia que o sr. Fitzherbert estava dormindo tranquilamente em sua caixinha transportadora, então não tinha sido ele (não que meu gato tivesse energia suficiente para emitir um som como aquele).

Olhei para o milharal à esquerda. (Sim, meio clichê, mas o posto daquela rodovia dava num milharal enorme. *É tão Nebraska, não é mesmo?*) O som com certeza tinha vindo daquelas fileiras altas de pés de milho.

Forcei a vista, mas não consegui enxergar nada. Talvez fosse um animal selvagem, como um lince ou uma onça. Não queria ser atacada antes mesmo

de sair de Nebraska, então a atitude mais inteligente seria entrar no carro e talvez trancar a porta.

Mas então ouvi o som de novo.

E vi um focinho e dois olhinhos me encarando atrás de um pé de milho.

Era um gato.

Olhei ao redor, tentando encontrar o dono, mas não havia ninguém por ali. O estacionamento estava deserto a não ser por algumas carretas estacionadas do outro lado do terreno, e não havia casas por perto.

Tinham apenas quilômetros e mais quilômetros de milharal e rodovia interestadual.

Eu me aproximei mais um pouco. O gato não fugiu como eu pensei que faria. Em vez disso, rosnou mais alto e chiou.

— Oi, gatinho — murmurei quando cheguei perto o bastante, agachando devagar. — Está tudo bem, amigão. Tudo bem.

Era um gato laranja com manchinhas brancas. Seu pelo longo e macio estava emaranhado e com alguns nós. Ele estava bem magro e em uma situação deplorável. Imaginei que estivesse ferido, já que não fugiu de mim.

— Ei... o que você está fazendo, Toalha de Mesa? — gritou Wes atrás de mim, se referindo à minha blusa xadrez vermelha.

Eu não quis responder para não assustar o gato. Estendi a mão para que o animal a cheirasse.

— O que está fazendo aqui no meio do nada, gatinho? — perguntei.

Escutei os passos de Wes na grama, se aproximando.

— Tem algum motivo para você estar agachada no meio de um mi... Ah! O que é essa *coisa*?

O gato rosnou para Wes e se encolheu ainda mais, apavorado com a chegada de meu ajudante imenso.

Olhei para meu namorado e expliquei:

— É um gatinho lindo que está muito assustado e, acho, com fome.

Wes se agachou ao meu lado.

— Será que alguém o largou aqui?

Olhei para o gato. Será que alguém seria tão cruel assim? Será que aquele gatinho peludo morava numa casa, onde estava confortável e seguro, mas acabou sendo largado na beira da estrada? Abandonado? Quanto tempo fazia que ele estava ali? Como estava sobrevivendo?

— Relaxa — continuou Wes, com sua voz grave. — Eu estava brincando. Aposto que ele está bem. Deve ser um desses gatos que sai para passear na rua e ama a liberdade. Deve morar aqui por perto.

Virei a cabeça, e de repente o rosto de Wes estava muito perto do meu. Ele estava tentando me acalmar, e seus olhos escuros tinham mesmo esse poder; um olhar do Wes bastava para que meu corpo inteiro relaxasse. Mas suas palavras não me convenceram, pois o gato claramente estava ferido, sujo e com fome.

— Sabemos que isso não é verdade — falei, tentando sorrir. — Acha que tem algum abrigo que possamos chamar?

Ele olhou para o relógio.

— Você *sabe* que precisamos voltar para a estrada se quisermos chegar ao Colorado esta noite, sem deixar seu pai enlouquecido de preocupação, né?

Íamos passar a noite em Vail, no Colorado, onde encontraríamos Helena e meu pai para jantar e dormir. Eles já estavam bem à nossa frente e Wes tinha razão. Demorar ainda mais atrapalharia os planos.

Mordi o lábio.

— É... eu sei. Vou só ligar pra alguém rapidinho. A gente tem que tentar, né?

— Para quem você vai ligar? A Sociedade dos Postos no Meio do Nada?

— Sim, isso mesmo — respondi, abrindo um sorriso falso e assentindo com entusiasmo. — Você sabe o número deles, por acaso?

Wes colocou a mão no meu joelho e apertou.

— 0-800-é-só-um-gato?

Revirei os olhos.

— Está mais pra 0-800-uma-ligação-pode-salvar-a-vida-dele.

Wes se levantou e foi até uma mesa de piquenique na beirada do estacionamento. Ele subiu no banco e se sentou na mesa.

— Vou procurar... Foi Ogallala que acabamos de passar?

— Aham.

O gato me observava com atenção, mas tinha parado de rosnar e deixou que eu coçasse seu queixo.

— Beleza — disse Wes, olhando para o celular. — Achei um número. Resgate Dozler, o único abrigo das redondezas com uma política de não sacrificar os animais.

Eu estava prestes a pegar meu celular quando Wes protestou, ainda encarando o próprio aparelho:

— Não assuste o sr. Feioso... eu ligo.

Dei uma risada.

— Obrigada. Mas esse não é o nome dele — respondi.

— Ah, é. Foi mal. Não assuste a Fera Terrível.

Olhei para o gato, que tinha um rostinho fofo apesar daquela carranca.

— Acho que ele tem mais cara de Pena — sugeri.

— Tem razão. Tenho pena do dia em que coloquei os olhos nele.

Alguém atendeu a ligação.

— Alô, oi, eu queria saber uma coisa — disse Wes.

Ele se levantou e começou a andar de um lado para o outro enquanto falava com a pessoa do abrigo. Quando desligou, não parecia feliz.

— O que eles disseram? — perguntei.

Wes soltou um suspiro.

— Eles não podem vir buscar o gato.

— O quê? Como é que um resgate de animais não pode ir até o local fazer o resgate?

— Bem, parece que o caminhão deles está com problema no motor, então eles não conseguem buscar animais hoje. Então...

— Então, o que a gente vai fazer?

Eu sabia que Wes ia insistir para irmos embora, mas eu não conseguia suportar a ideia de deixar o gatinho para trás.

— Billy mencionou que podemos deixar o gato no abrigo, se não nos incomodarmos de fazer um desvio de cinquenta quilômetros.

— Billy? — indaguei.

— A veterinária — explicou ele, passando a mão na nuca. — Como vamos enfiar essa coisa sarnenta no carro sem que ele e o sr. Fitzherbert se ataquem?

Eu não estava acreditando.

— Wes... Você está disposto a fazer isso?

Com o olhar *fixo em mim*, ele respondeu:

— Lógico que sim.

O momento pareceu se estender, deixando implícito de que ele faria aquilo *por mim*, e eu disse:

— Você sabe que está irresistível agora?

Wes apoiou todo o peso em uma das pernas e questionou:

— Só agora?

— Quando a luz bate do jeito certo — respondi, sorrindo ao ver a expressão presunçosa dele —, e você age com tanto altruísmo e doçura... você se torna irresistível de verdade.

Wes abriu um sorriso largo e levantou os braços, flexionando os bíceps.

— Você é tão caidinha por mim que chega a ser patético — disse ele, imitando a voz do Kronk, do filme *A nova onda do imperador*.

— Não é?

Senti meu rosto ficar quente quando ele me lançou um olhar apaixonado, mas nos concentramos na tarefa que tínhamos pela frente.

Primeiro, Wes foi até o carro e tirou Fitz da caixinha transportadora. Meu gato não quis sair de primeira, lógico, então Wes teve que aguentar uma série de arranhões enquanto tirava meu bebê de gravata-borboleta da caixinha. Ele

colocou o sr. Fitzherbert no banco, mas o gato correu para debaixo do banco do motorista e não quis mais sair.

Wes fechou a porta do carro e se aproximou com a caixinha transportadora. Seu cabelo escuro estava desgrenhado, o rosto um pouco vermelho, e a camiseta que dizia UM CARA FEMINISTA tinha uma mancha no ombro. Ele era tudo o que eu podia querer, com sua boca carrancuda e seus olhos reluzentes, e tentei não rir.

Wes ergueu as sobrancelhas.

— Qual é a graça?

— Poucos caras levariam uma surra de um gato pela namorada — comentei, olhando para o pequeno vira-lata, que naquele momento parecia calmo. — Você está todo zoadado, Wessy, e eu amo muito isso.

— Porque você é o demônio — respondeu ele, fingindo estar mal-humorado, mas seus olhos pareciam alegres. — Agora, qual é o plano para colocarmos a pequena besta dos infernos na gaiola?

— Vou pegá-lo e depois soltá-lo dentro da gaiola — expliquei.

— Como se fosse tão fácil. E a raiva?

— Como assim?

— Ele não é um gatinho mimado, Buxbaum. E se ele atacar você com os dentes? Quer mesmo ter que tomar vacina antirrábica?

Inclinei a cabeça.

— Acho que gatos não transmitem raiva — disse.

Wes franziu o cenho.

— Tenho quase certeza de que qualquer animal pode transmitir raiva.

Soltei um suspiro.

— Como você sugere que eu o pegue, então? Por telecinese?

Aquilo o fez sorrir.

— Telecinese não é ler os pensamentos de outra pessoa?

Mordi o lábio.

— Acho que é mover coisas com a mente — expliquei.

— Isso aí não é psicocinese?

Tinha quase certeza de que ele estava errado.

— Tem certeza? — perguntei.

— Não mesmo.

Aquilo fez com que nós dois ríssemos.

— Vou pegá-lo — disse Wes, por fim.

— Bom, e a raiva?

Ele deu de ombros.

— Vou tomar cuidado.

— Por que acha que *você* tem menos chance de pegar raiva que eu?

— Porque você é um ímã de desastre.

— Verdade — concordei. — Pelo menos coloque suas meias nas mãos.

Wes franziu o cenho outra vez.

— Como é?

— Também não quero que você pegue raiva, então coloque suas meias nas mãos.

Ele revirou os olhos e obedeceu, criando um campo de força antirraiva feito de algodão, o que me fez sorrir ainda mais. Wes resmungou as palavras “doida de pedra” enquanto enfiava os pés descalços nos tênis. Então ele se agachou e, apesar dos barulhos assustadores do gato, Wes conseguiu pegá-lo e segurá-lo nos braços.

Mas o felino continuava rosnando. Tinha se encolhido e parecia pronto para escapar se Wes afrouxasse o aperto um pouquinho que fosse. O gato não ia entrar na caixa transportadora de jeito nenhum.

— Você dirige se eu for dando as instruções para chegar ao abrigo? — indagou Wes.

— Aham.

Olhei para meu namorado todo desgrenhado e para o gato, que emitia um rosnado longo e profundo enquanto Wes o pressionava contra o próprio corpo.

— Então você vai ficar segurando o gato? — perguntei.

— Isso.

Quis mencionar que o sr. Fitzherbert não estava mais na caixa transportadora, só que Wes estava se esforçando tanto que achei melhor não lhe dar outro desafio. Além disso, quando o sr. Fitzherbert ficava apavorado, ele se enfiava embaixo das coisas e, se tivéssemos sorte, só o encontrávamos dias depois.

Ele certamente ficaria escondido embaixo do banco.

Peguei a caixa transportadora e me levantei.

— Então vamos.

Entramos no carro e partimos em direção ao abrigo. Durante cinco minutos, tudo ficou bem. Wes estava falando baixinho com o gato, que acabou parando de rosnar. Na verdade, eu não conseguia imaginar uma criatura que não se acalmasse com os sussurros de Wes.

Aquela voz grave fazia com que *eu* quisesse me aninhar no corpo dele como se fosse um gatinho de rua.

— Bom garoto, sr. Cabeçudo — murmurou ele.

Aquilo me fez rir.

— Você não pode dar esse nome pra ele. Que tal Peludo?

— Fofo demais... — respondeu Wes, olhando para mim. — Cara de Bunda combina.

— Esse focinho não é uma cara de bunda.

— É, sim.

Apontei para o gato ao virar na County Road C e sugeri:

— Então, talvez ... Biscoito seria um bom nome.

Wes riu.

— Me recuso a dar um nome fofo pra um animal que está com todas as garras enfiadas na minha pele. E agora ele voltou a rosnar. Que tal Babaca?

— O Biscoito não é um babaca — retruquei.

Sorri ao avistar o que parecia ser uma cidade.

Mas então percebi um movimento em minha visão periférica. Virei a cabeça a tempo de ver sr. Fitzherbert subir no banco, atrás do Wes, com o rabo balançando de irritação.

— Segura esse...! — gritei.

O sr. Fitzherbert soltou um rosnado bizarro e pulou em cima do gatinho. O mundo desabou. Os dois animais começaram a rosnar e a chiar, e o sr. Fitzherbert acertou três golpes na cabeça do vira-lata. Wes continuou segurando o gatinho com uma das mãos e levantou o meu gato com a outra, largando-o no banco de trás. O sr. Fitzherbert continuou miando e rosnando, mas não pareceu interessado em voltar.

Pisei fundo no acelerador quando vi a placa do abrigo no topo de uma colina, e Wes tentou acalmar o gato de rua, que se contorcia e tentava se libertar. Quando entrei no estacionamento asfaltado do abrigo, acelerei até uma vaga bem na porta e Wes soltou um palavrão baixinho.

Depois de estacionar e desligar o carro, abri a porta traseira e coloquei sr. Fitzherbert de volta na caixinha transportadora. Ele ainda rosnava, e sua gravata-borboleta estava torta, mas assim que garanti que estava contido e em segurança, fui até a porta do passageiro.

— Pronto? — perguntei pela janela fechada.

Não queria abrir a porta sem que Wes estivesse segurando bem o gato.

Wes só fez uma cara de espertinho, segurando o gato sarmento feito um colete salva-vidas, como se fosse afundar no mar caso o soltasse.

Wes saiu devagar e, assim que bati a porta, ele deu um gritinho. O barulho tinha feito o gato enfiar as garras nele mais uma vez. Murmurei um pedido de desculpas.

— Espero que saiba que está me devendo uma, Buxbaum — disse ele, entredentes.

— Eu sei, eu sei — respondi, rindo um pouco porque Wes era engraçado até durante uma crise.

Abri a porta do abrigo para Wes, e a mulher que devia se chamar Billy correu até nós.

— Você é o Wes? — perguntou ela, tirando o gato dos braços dele com cuidado.

— Sim, senhora.

Senti meu peito ficarquentinho quando Wes sorriu para ela.

Será que era idiota e estranho eu estar orgulhosa dele? Wes era um ser humano tão bom e confiável que eu sentia vontade de exibi-lo. Tipo: “Pois é, Billy, ele resgatou esse gato de um milharal só porque eu pedi. Acredita?”

Wes era bom demais para ser verdade.

Mas era de verdade.

Billy entrou no modo veterinária, levando o gatinho até uma mesa de exames. Em pouco tempo, diagnosticou uma pata quebrada. Ela foi uma querida e superfofa com o felino sujo, o que me passou uma confiança enorme.

Quando finalmente saímos do abrigo e olhamos para o céu ensolarado, Wes indagou:

— Que música está tocando agora, Buxbaum?

Ele perguntava aquilo o tempo todo, porque *eu sei que esse seu cérebro está sempre criando trilhas sonoras e quero vetar qualquer música ruim que você possa atribuir a mim.*

— E é melhor que não seja “Cat Scratch Fever” — avisou ele. — Seria preguiçoso da sua parte. Você é bem melhor que isso.

Inclinei a cabeça e observei aquele estacionamento no meio do nada. Eu estaria feliz com Wes literalmente em qualquer lugar.

— “Street Lightning” — respondi.

I wanna be where you are.

Wes semicerrou os olhos e pegou o celular.

— Ei, Siri. Me lembre de pesquisar a música “Street Lightning” no Google daqui a uma hora.

Dei uma risada, porque ele nunca confiava na minha seleção e pesquisava todas as músicas que não conhecia.

Quando chegamos ao carro, prontos para seguir viagem, Wes foi até o porta-malas para trocar a camiseta, que tinha uma mancha úmida suspeita que ele não sabia se era obra do sr. Fitzherbert ou do vira-lata. De toda forma, ele preferia “não ficar cozinhando naquele xixi até chegar nas montanhas”.

Fui até o banco traseiro para consolar o sr. Fitzherbert, então vi que Wes tinha acabado de colocar a camiseta suja numa sacola e estava parado ali, sem camisa e usando uma calça de moletom larga. Fiquei simplesmente sem ar.

O peitoral dele não só era largo, bronzeado e absolutamente digno de me fazer perder o fôlego, mas também estava coberto por arranhões, cortes e vergões. Wes não reclamou nem largou o gato durante todo o trajeto, apenas o abraçou e tentou acalmá-lo, falando baixinho enquanto Biscoito o dilacerava.

As primeiras notas de “Cuts and Bruises” começaram a tocar em minha mente. Coloquei as mãos no peito de Wes e o empurrei contra a lateral do carro. Ele franziu o cenho.

— Por acaso você sabe... — comecei a perguntar, ficando na ponta dos pés para aproximar nossos lábios.

— O quanto eu amo quando você me empurra assim? — completou ele.

Wes deu um sorriso provocador, colocando suas mãos grandes em meu rosto. Seus olhos brilhavam quando respondeu à própria pergunta, baixinho:

— Sei, sim.

— Não.

Era impossível não sorrir quando Wes me olhava daquele jeito, como se quisesse me beijar e bagunçar meu cabelo, tudo ao mesmo tempo. Não sei o que me deu, mas de repente me ouvi dizendo as seguintes palavras:

— Por acaso você sabe o quanto eu te amo?

O sorriso dele desapareceu. Wes engoliu em seco, o pomo de Adão subindo e descendo. Então me dei conta do que eu tinha acabado de falar.

Tentei amenizar a situação.

— Sei que faz só alguns meses que estamos juntos — continuei —, então talvez seja cedo demais para dizer isso, e minha intenção foi supercasual e nada grudenta, mas eu, é...

— Nunca disse isso antes. — Wes completou minha frase, com a voz baixa e rouca. Ele colocou as mãos em meus ombros, engolindo em seco mais uma vez. — Não para mim.

— É, mas é só que...

Os lábios dele interromperam minhas palavras. Suas mãos grandes apertaram meus ombros com força. Wes se abaixou e me beijou como se estivesse dedicando tudo de si àquela tarefa. Ele mordiscou meu lábio inferior e me envolveu em beijos selvagens enquanto acariciava meu pescoço, seus dedos leves como plumas.

Eu estava pegando fogo, tomada de emoção por Wes. Era como se eu quisesse consumi-lo, porque cada pedacinho dele era inebriante. Minhas mãos se movimentavam por toda a pele dele, percorrendo seu peito e seus braços com vontade.

Wes Bennett era uma droga potente.

Quando ele soltou um gemido, senti minhas pernas ficarem bambas e pensei em incluir “Movement”, do Hozier, na nossa trilha sonora.

Respiramos fundo. Os dedos dele me hipnotizavam com carícias quase imperceptíveis, subindo e descendo pelo meu pescoço.

When you move, I'm moved.

Wes afastou os lábios dos meus, me encarou com seus olhos escuros impossíveis de interpretar e sussurrou:

— Idem.

Wes

Quando Liz abriu seus olhos verdes, juro por Deus que senti uma corrente elétrica sair daquele olhar e alcançar cada terminação nervosa em meu corpo.

Liz Buxbaum me amava.

Senti meu rosto em chamas, os dedos dormentes, e procurei as palavras certas.

Liz Buxbaum me amava.

Eu sabia o que ela queria que eu dissesse, o que eu deveria dizer, o que eu queria mais do que tudo dizer, mas meu cérebro não conseguia calar a pergunta: “Afinal, o que você sabe sobre o amor, Wes?”

Porque Liz cresceu cercada de amor — da mãe, do pai, da Helena — e o consumia como se fosse necessário para sua sobrevivência. Ela era o produto brilhante, sorridente e inocente do amor incondicional.

A porta-voz do amor.

Uma mascote do amor.

Mas eu não conhecia o amor assim.

E não tinha certeza se eu sabia *como* ser assim.

Pelo menos não da maneira que Libby merecia, como seu coração apaixonado sempre sonhou.

Durante toda a minha vida, eu nunca tinha testemunhado o amor que ela desejava. Quer dizer, minha mãe me amava, e meu pai também, acho, embora parecesse que o que ele amava mesmo era me ver jogando beisebol — quando eu acertava um arremesso, em vez de lançar a bola fora da zona de *strike*, que nem um *preguiçoso*.

Mas meus pais passaram a vida inteira se desprezando e sentindo raiva um do outro. Cada um tinha o próprio quarto, a própria vida e, para ser sincero, pensar naqueles dois se beijando ou de mãos dadas era equivalente a imaginar um unicórnio morando na Área Secreta.

Inconcebível.

Eu tinha um sentimento avassalador pela Lizzie, tão intenso que me deixava apavorado? Nossa, sim. Era amor? Com certeza.

Eu sabia o que fazer com aquilo?

Não mesmo.

Tudo entre nós dois era absolutamente perfeito. Mas e se eu não conseguisse dar a Liz o que ela passou a vida inteira esperando? E se aquela fosse uma característica hereditária, como ter olhos azuis ou conseguir enrolar a língua, e eu fosse incapaz de proporcionar tamanho amor, por mais que quisesse amá-la com perfeição?

Quando ela olhou para mim, aquele turbilhão de pensamentos parou.

Eu simplesmente teria que dar um jeito de *não* estragar tudo.

Porque Liz Buxbaum me amava.

Aproximei meus lábios de seu ouvido e disse:

— Vamos ser presos se você ficar me apalpando assim em público, Buxbaum.

Ela empurrou meu peito de leve e deu um passo para trás, sorrindo para mim.

— Eu estava cuidando das suas feridas — explicou Liz, com os olhos semicerrados.

— Você estava rondando a segunda base, como no beisebol — comentei, bagunçando o cabelo dela, sabendo que Liz daria um tapa em minha mão.

Ela revirou os olhos e deu um tapa em minha mão. Meu Deus, como eu amava aquela garota.

— Seu abdômen não é a segunda base, engraçadinho.

“Acho que sentiria sua falta mesmo que nunca tivéssemos nos conhecido.”

— Nick, *Muito bem acompanhada*

COLORADO

But I'll always have those moments
In the mountains, oh
All the wonders that I saw
All the stories that were told

— “Moments in the Mountains”, Madison Olds

Liz

— Vou pedir o fone do Wes emprestado.

— Tá bom — respondeu meu pai, sem tirar os olhos da TV. — Deixe a porta aberta.

Revirei os olhos e me levantei do sofá. *Até parece que não estaríamos morando sozinhos e sem supervisão de adultos em poucos dias.*

Helena já estava na cama, exausta da viagem, e Wes tinha “se recolhido” alguns minutos antes, depois de tomar banho. Íamos passar a noite em um Airbnb em Vail, porque pelo jeito era mais barato do que alugar quartos de hotel. O apartamento parecia um pequeno chalé de esqui, com uma lareira de pedra enorme, janelas grandes e uma cozinha com móveis de madeira, mas as acomodações eram boas e ruins ao mesmo tempo.

Boas porque tivemos um jantar agradável na pequena e charmosa cidade montanhosa e o apartamento era muito bonito. Ruins porque eu não tive oportunidade de ficar sozinha com Wes. E, depois de ter passado o dia todo com ele no carro, eu só queria alguns minutos em que não estivéssemos presos pelo cinto de segurança e indo a mais de cem por hora.

Além disso, ele segurou minha mão depois do jantar de um jeito — *daquele* jeito — que me incendiou.

Pergunta importante: Por que aquele gesto deixava minhas pernas bambas? Não fazia sentido, mas eu precisei me recompor durante a caminhada de volta ao apartamento alugado.

Passei pela cozinha e subi correndo a escada que levava ao quarto onde Wes estava. Bati à porta baixinho, não porque ele estivesse dormindo, mas para não acordar Helena do outro lado do corredor.

Wes abriu a porta.

Ele estava sem camisa, vestindo só uma bermuda de basquete, e com o cabelo molhado e bagunçado do banho. O cheiro de sabonete masculino atingiu minhas narinas.

— Buxbaum — disse ele, sorrindo.

— Bennett — respondi, entrando no quarto.

Senti meu estômago dar cambalhotas quando me aproximei do Wes seminu.

— Pode me emprestar seu fone de ouvido? — perguntei.

Wes me olhou com cara de desconfiado.

— Aham. Mas você não tem, tipo, dez fones de ouvidos bem caros à sua disposição?

Meu pai não tinha percebido a desculpa esfarrapada, mas Wes, sim.

— Ah, é mesmo, esqueci — disse, estalando os dedos e chegando um pouco mais perto dele. — Acho que vamos ter que nos beijar, então, já que estou aqui.

Wes deu uma risadinha.

— Eu sabia que minha sedução depois do jantar ia dar certo — respondeu ele, com a voz baixinha e grave.

— Funciona toda vez. Como é possível?

Dei risada e apoiei a testa no peitoral dele, fingindo ter vergonha daquilo que Wes sabia que sempre mexia comigo.

— Será que eu tenho algum fetiche estranho com mãos? — continuei. —
Será que dar as mãos é minha criptonita?

Ele também riu, e senti suas mãos descerem até minha lombar.

— Ah, é que eu tenho o *dom* das mãos...

— Me poupe.

— Vou fechar a porta para a gente...

Levantei a cabeça.

— Meu pai pediu para deixar aberta.

— O quê?

— Falei que ia pedir seus fones de ouvido emprestados — expliquei, revirando os olhos —, e ele disse para deixar a porta aberta.

O sorrisinho provocador de Wes desapareceu.

— Então ele sabe que você está aqui e está preocupado que a gente, é...
tenha relações?

— *Relações* — repeti, bufando. — Parece que sim.

Ele franziu o cenho.

— Olha, então, vou ter que pedir, com todo o respeito, que você se retire.

Inclinei a cabeça.

— Bennett. Você está falando sério?

Wes semicerrou os olhos, como se estivesse refletindo sobre minhas palavras.

— Estou. Infelizmente — respondeu ele.

— *Wes*.

Ele balançou a cabeça.

— Seu pai e a Helena são incríveis, e não quero que eles pensem que eu estou aprontando alguma. Então, é, por favor, retire seu corpinho sensual do meu quarto.

Apontei para meu pijama.

— Mas eu estou usando uma meia fofinha e um moletom rasgado. Não é muito sedutor.

— Você podia estar vestindo uma fantasia de palhaço — disse ele, enterrando o rosto na lateral do capuz do meu moletom para morder meu pescoço —, e eu continuaria excitado.

Fechei os olhos, sentindo sua boca pairar sobre minha pele.

— Mas você tem medo de palhaços.

— Pois é.

Wes levantou a cabeça e me lançou um olhar profundo.

— Você precisa ir — insistiu ele.

— Mas...

— Saia. Do. Meu. Quarto.

Ele segurou meus ombros e me virou de frente para a porta. Então deu um tapinha em minha bunda e me empurrou até o corredor.

— Boa noite, srta. Buxbaum — disse Wes, fechando a porta.

Dei uma risadinha e murmurei:

— Boa noite pra você também, sr. Bennett.

Trinta segundo depois, quando cheguei ao meu quarto, tinha recebido uma mensagem do Wes.

Wes: Estou arrependido.

Tentei rir baixinho, pois meu pai estava assistindo à TV no cômodo ao lado.

Eu: É o que você merece por ter me expulsado.

Wes: Agora eu odeio o Colorado.

Eu: Ah, não coloque a culpa no Colorado. Aqui é lindo e encantador e não merece sua ira. Culpe a si mesmo por ser tão ridiculamente decente.

Wes: Odeio isso em mim.

Eu: EU TAMBÉM.

Wes: Sério? Porque acho que me lembro de você confessando seu amor e sua adoração por mim enquanto me apalpava em Lugar Nenhum, em Nebraska.

Eu: Não me lembro disso.

Meu celular começou a tocar. Sorri e atendi, dizendo:

— Você sempre faz isso.

— Eu sei. *Não consigo* digitar quando fico animado. Acabado clicando nas letras erradas e demora demais.

Voltei a rir.

— O que você quer?

— E se a gente sair para uma caminhada?

— Como assim?

Wes abaixou o tom de voz.

— Diga ao seu pai que vai dar uma caminhada para ver a cidade toda iluminada, e que eu vou junto pra te proteger dos bandidos.

— *Não vou dizer essas palavras.*

— Tá... só a primeira parte.

— E depois?

— Depois a gente vai... dar uma caminhada — respondeu Wes.

— De verdade? Ou é um eufemismo?

— Olha, vamos começar caminhando...

— É mesmo? E eu iria de pijama?

Wes ignorou meu comentário.

— E depois podemos... parar de caminhar... por um tempo... na floresta... se ficarmos com vontade.

— Ah... tá.

— E depois que pararmos...

— Sim? Estou na maior expectativa aqui.

— Voltamos a caminhar. De novo.

— Diabólico. Sou humana, então não tenho como resistir a esse plano.

Eu me levantei e fui até minha mala.

— Vou trocar de roupa — anunciei. — Nos encontramos na sala em cinco minutos.

Quando eu estava prestes a desligar, Wes chamou:

— Espere, Buxbaum.

— Sim? — perguntei, abrindo a mala e pegando uma calça jeans.

— Que música está tocando agora?

Franzi o cenho, segurando o celular com o ombro para poder tirar a calça do pijama. *Hummm... que música?* Demorei cinco segundos para decidir.

— “Golden”, do Harry Styles.

— É aquela música sobre a garota *obcecada* pelo vizinho?

— Pesquise.

— Tem ideia de quantas letras de música eu pesquisei só neste verão?

— Não.

— Só me diz a letra, Buxbaum.

— Você só tem quatro minutos agora, Bennett — avisei, encerrando a ligação e jogando o celular na cama.

Meu pai concordou com o plano, e sorri para Wes quando ele desceu a escada. Colocamos nossos casacos. Estava frio nas montanhas, mas não importava. Só queríamos passar alguns minutos sozinhos, e ficar sozinhos ao ar livre já estava ótimo.

— Quer saber? — disse meu pai. Ele levantou e desligou a TV, sorrindo como se tivesse acabado de ter uma ideia genial. — Não estou com sono e quero comprar um chocolate. Posso ir com vocês?

— Hum, na verdade... — comecei.

Ao mesmo tempo, Wes respondeu:

— Aham.

Revirei os olhos e nós três demos uma caminhada no frio pela praça da cidade. Para falar a verdade, foi uma noite muito agradável. Eu me diverti muito passeando com meu pai e com Wes, e a cidade estava linda toda iluminada, mas não foi a caminhada com uma pitada de beijos ao ar livre que eu tinha imaginado.

A certa altura, me aproximei para sussurrar no ouvido de Wes:

— Ei, espertalhão, quando vamos parar de andar um pouco?

Ele apenas me afastou em resposta.

Quando voltamos para o apartamento, demos boa-noite e meu pai se certificou de que nos recolhêssemos cada um em seu quarto.

Eu estava sorrindo, mas nosso plano definitivamente tinha fracassado.

Depois de vestir o pijama outra vez, fui ao banheiro. Prendi o cabelo, lavei o rosto, escovei os dentes e coloquei o aparelho. Quando abri a porta, Wes estava escorado na parede do corredor.

Ele abriu um sorrisinho, e suas covinhas atingiram meu coração como um laser.

— O que você está fazendo? — perguntei, e logo percebi que estava de aparelho, então parei de falar.

Queria desaparecer, porque sabia o quanto eu estava feia, mas Wes se endireitou e deu dois passos até ficar bem na minha frente, abrindo um sorriso de perder o fôlego.

— Desculpa, mas... — começou ele. — Você por acaso tem doze anos? Isso é um aparelho?

Cruzei os braços e tentei olhar séria para ele.

Wes soltou uma risada meio tossida.

— Por que eu não sabia disso, querida? — indagou ele. — Você por acaso tem, sei lá, mais algum segredo que eu devia saber?

— Muitos, na verdade.

— Bem — disse ele, com uma voz rouca, se aproximando ainda mais —, eu vim aqui porque queria roubar um beijo antes de dormir. Mas como você já está com suas ferragens orais, acho que vai ter que ficar para outra hora. Só Deus sabe a quantidade de bactérias que tem nisso aí. É como uma plaquinha de petri.

Dei risada, embora estivesse horrorizada.

— Pode, por favor, não olhar para mim? E fazer uma lavagem cerebral para se esquecer desta imagem?

— Você ainda não entendeu? — questionou Wes, levantando a mão e passando o polegar em meu rosto. — A Pequena Libby é a *minha* criptonita.

Quando você mostra esse lado esquisitinho que faz de tudo para esconder, fico apaixonado e muito fraco.

— Acho que tem algo de errado com você — retruquei, dando uma puxadinha na barra de sua camiseta.

— É, mas você me ama — respondeu ele, beijando a área logo abaixo da minha orelha. — Não pode retirar o que disse, Buxbaum.

— Como se eu quisesse — respondi, soltando um suspiro.

Quando ele mordeu minha orelha, “Kryptonite”, do 3 Doors Down, começou a tocar em minha mente. O volume foi ficando mais alto conforme a cena desvanecia em uma escuridão de felicidade.

Foi só depois, quando apaguei as luzes e me deitei, que me dei conta.

Putá merda.

Wes não disse que também me amava.

“Porque você me viu quando eu estava invisível.”

— Mia, *O diário da princesa*

U T A H

I see your reflection
Sleeping so softly
Pillow on the window

— “Road Trip”, Matt Walden

Wes

Liz parou no acostamento e soltou o cinto de segurança, resmungando “merda, merda, merda”. Isso me acordou, mas ela estava em pânico e não percebeu. Ela enfiou a mão na bolsa e pegou a carteira de motorista enquanto o policial rodoviário se aproximava da janela do carro.

O homem se abaixou um pouco.

— Sabe por que eu pedi que você encostasse? — indagou o policial.

Liz pigarrou. Ela sempre fazia isso quando queria fingir que não estava nervosa. Em seguida, levou a mão ao lenço verde de seda amarrando em seu cabelo, como se fosse a Doris Day.

— Não, senhor — respondeu ela. — Eu não estava acima do limite de velocidade, então não tenho ideia...

Liz parou de falar, encarando o policial. Era a cara dela *nem pensar* em flertar ou fingir chorar para se livrar de uma multa. Não, Liz Buxbaum ia ficar encarando aquele homem através de seus óculos de grau — eu conseguia ver o reflexo dela nos óculos-escuros do policial — até que ele cedesse e a liberasse.

O que não ia acontecer. Eu estava cochilando, então não tinha certeza do que aconteceu, mas Liz tinha um pé de chumbo e dirigia pelo menos vinte quilômetros acima do limite de velocidade quando estava ouvindo música.

E, quando peguei no sono, ela estava cantando cada verso de “evermore”, da Taylor Swift.

— O limite de velocidade é cento e vinte, e você estava a cento e cinquenta.

— Quilômetros por hora? — perguntou Liz.

O policial a encarou.

— Hum — disse ela, baixinho, e olhou para mim.

Assim que viu que eu estava acordado, ela arregalou os olhos, como se não imaginasse que eu pudesse acordar enquanto ela era detida por uma autoridade. Lancei um olhar de “O que você está fazendo, Buxbaum?”, e Liz me lançou um olhar que indicava que estava rindo por dentro, embora se recusasse a sorrir. Seus lábios estavam contraídos e curvados para a esquerda, com um biquinho. Liz se virou para o policial.

Minha mente repassou as palavras dela no dia anterior.

Você sabe o quanto eu te amo?

Já que fiquei paralisado, sem conseguir responder algo decente, eu devia pelo menos ter feito graça e perguntado “Me ama quanto? Em uma escala de *pouco* a *vamos transar?*”, só para bancar uma de espertinho.

Mas óbvio que não fiz isso. Fiquei tão confuso com minha bagagem emocional terrível que falei “Idem”, como um idiota, quando Elizabeth Marisol Buxbaum revelou que me amava.

Eu parecia um cara patético que nunca tinha visto uma garota.

E desde que ela falou aquilo meu cérebro entrou em um looping infinito e não parava de voltar àquela cena. Eu tinha ficado a noite toda acordado pensando em meu fracasso épico.

Às 3h42, depois de me revirar bastante naquela cama minúscula, finalmente percebi por que as palavras dela me chocaram tanto.

Porque, na verdade, não devia ter sido uma surpresa, certo? Estava tudo ótimo entre nós desde o baile. Éramos praticamente inseparáveis, então eu sabia que ela gostava de mim. Tá, eu sabia que ela gostava de mim *de um jeito romântico* (eu disse que era um cara patético).

Mas acho que o fato de eu ter uma *quedinha* pela Liz desde... droga, hum, desde *sempre*... fez com que esse passo que deveria ter sido natural em nosso relacionamento me atingisse de surpresa como um soco no estômago. Só o fato de ela ser minha namorada ainda era meio surreal.

Quer dizer, na semana anterior, quando assistimos *Titanic* na sala da casa dela, Liz dormiu com a cabeça em meu peito, e eu não consegui parar de pensar que ela estava dormindo comigo no sofá que ficava ao lado do piano que eu ouvia ela tocar pela janela dos fundos.

Era meio enlouquecedor finalmente conquistar a garota que sempre ocupou minha mente.

— Deve ter algum engano — respondeu Liz, passando a mão em seu cabelo ruivo comprido e fazendo o cheiro de coco chegar até minhas narinas. — Eu nunca ultrapasso o limite de velocidade.

Queria rir, mas fiquei quieto e abri o porta-luvas para pegar o documento do carro e do seguro enquanto as primeiras notas de “Back To You”, do Louis Tomlinson, saíam dos alto-falantes.

— Pode pesquisar a definição de “nunca” depois que me entregar seus documentos, mocinha — declarou o policial, dando um sorriso inflexível.

Era a expressão perfeita para um babaca em posição de poder.

— Aqui estão — falei, estendendo o documento na frente da Liz. — O carro é meu.

O policial pegou isso e a carteira de motorista dela e voltou para a viatura. Liz soltou um suspiro e olhou para mim. Retribuí o olhar, mas ela só levantou uma sobrancelha.

— O que foi? — indaguei, tentando manter um ar inocente e não sorrir.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Wes e Liz na estrada"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).